

Redacção e administração  
R. de S. Martinho  
Aveiro

# POVO DE AVEIRO

Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO,  
EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 189

Assinaturas  
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).  
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações  
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.  
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.  
NUMERO AVULSO, 30 REIS

4.º Anno

## OS ACONTECIMENTOS DE COIMBRA

Os successos de Coimbra fizeram pavor. Verdadeiro pavor. Vejam lá em que estado anda a consciencia dos que nos governam!

Em absoluto, aquillo não teve importancia nenhuma. Mas tamanhos são os crimes, e tantos, dos homens que dirigem a sociedade portugueza, que bastou um arremedo de revolta para que ficasse tudo a tremer.

Porque a verdade é que ficou tudo a tremer. Até já inventam sociedades secretas de dragões, promptos a engulir a monarchia d'uma vez!

Não sabemos se em Coimbra ha ou não ha sociedades secretas. O que sabemos, e podemos garantir, é que ellas nada influiram sobre os acontecimentos, que começaram n'uma insignificancia e que n'uma insignificancia acabariam, se houvesse capacidade em quem podia e devia ter resolvido de prompto a pendencia.

Não queremos dizer com isto que a attitude do paiz não seja ameaçadora. E'. Mas os acontecimentos de Coimbra, sendo um symptoma significativo, ficariam no berreiro das regateiras que os iniciaram, ou pouco iriam além, se tivesse havido tacto nas autoridades superiores.

Mas não houve esse tacto, nem ha. Todos estes acontecimentos tem a vantagem particular de demonstrar, entre outras coisas, a absoluta incapacidade de todos aquelles que nos governam e que nos desgovernam. O 31 de Janeiro foi curioso sob esse ponto de vista. Republicanos e monarchicos andaram apostados na asneira. E d'alii para cá tem sido tudo trinta e uns de janeiro. Tudo! Tudo!

A esse respeito muito haveria que dizer sobre os acontecimentos de Coimbra. Mas preferimos não dizer coisa nenhuma. Diremos só isto: que a monarchia teria, na verdade, razões para se apavorar, dada a formidável imbecilidade dos seus servidores, imbecilidade geral, que se manifesta nas coisas mais insignificantes; se a imbecilidade dos republicanos não fosse a mesma. Mas como é a mesma, esteja a monarchia descaçada, que não vae abaixo, por mais asneiras que pratiquem aquelles que a servem.

Não vae. Não vae. Não é ella que vae abaixo; infelizmente. Antes fosse só ella. Quem vae abaixo é o paiz inteiro, mercê d'uma sociedade geralmente e absolutamente incompetente.

Incompetencia que até se re-

conhece nos pregões deitados contra as sociedades de carbonarios de Coimbra. Que patetas! A imaginarem sociedades de carbonarios em Portugal! E sociedades de carbonarios capazes de fazerem uma revolução, ou de commetterem, sequer, um assassinato, planeado e executado com limpeza!

Nem sociedades de carvoeiros, quanto mais de carbonarios. E se as houver de carvoeiros, é para bom fim, que de coisa má, já ninguém é capaz n'este paiz.

Estejam certos d'isso! Sociedades de carbonarios! Sociedades terriveis! Sociedades que se apontam como um perigo! E ha gente, que se diz de talento e de envergadura estadística, que perde tempo com isso!

Ora valha-os Deus. Não sabemos se ha sociedades secretas em Coimbra. Se as ha, valem o mesmo que tem valido todas as outras da mesma natureza, de ha muitos annos para cá!

O que ha é fome. O povo arreventa. As classes arremediadas arreventam não tarda. Tudo caminha para o desespero. Os impostos sobem de dia para dia. Com os impostos augmentam as despesas. E' uma pandega rasgada. E' uma pouca vergonha. Isto está na consciencia de todos. De maneira que o mais pequeno fogareo transforma-se em grande incendio se o não atalham de prompto.

Foi o que aconteceu em Coimbra. As regateiras amotinaram-se. E como o mal estar é geral, em poucas horas amotinou-se tudo. Não entrou n'isso nenhuma sociedade de terriveis, porque, se a havia lá, ficou tão atrapalhada, como a parvoçada das regiões officiaes. A parvoçada tinha dominado o pequenino fogacho. Mas a dar com a cabeça pelas paredes deixou que o fogacho se convertesse em incendio. E depois de incendio, ainda ninguem o apagou, porque foi elle que se apagou por si, como seria facil demonstra-lo.

Esão os dois factos que dominam os acontecimentos de Coimbra, factos capitaes, que importa registrar.

1.º A tendencia geral do paiz a revoltar-se, o que demonstra que ha fibra e que não está tão frouxa como se tem apregoadado.

2.º A incapacidade absoluta dos chefes, dos dirigentes, das auctoridades, mal exclusivo de que enferma este paiz ha muitos annos.

Ignorantes e burros.  
E é essa a doença, a grande doença a que succumbe Portugal.

Ignorantes e burros!

## O SR. MATTOSO

Entendiamos nós que o excellentissimo senhor Mattoso tinha todo o interesse em não nos ouvir e que devia, por isso, aproveitar as boas disposições, em que estavamos, de não dizermos mais coisa nenhuma. Mas entendemos mal. O garoto do sr. Mattoso, mandado ou não mandado pelo patrão, proclama que queremos tréguas, que implorámos silencio, e mais baboseiras do mesmo theor. Ora ainda que as sandices do garoto não nos mereçam a menor imputação, temos pruzer em achar pretexto para não faltar ao excellentissimo com as considerações que merecem.

Queremos tréguas e implorámos silencio. Ora essa! Queremos conversa, conversa. Conversa é que nós queremos. Com o silencio, estamos fartos de o dizer, só poderá ganhar o sr. Jayme, o sr. Mattoso e outros coryphens. Nós, se não perdermos com elle também não ganhamos coisa nenhuma.

Tréguas! Nada, nada, mesmo para quem não haja duvidas sobre a nossa attitude em face d'outros elementos da politica local.

Sabe-se que os progressistas não querem tocar no sr. Mattoso para não melindrarem o sr. José Luciano. Isso é sabido. Mas nós é que não temos nada, nem queremos ter com os progressistas, nem na politica geral, nem na politica local, aparte o apoio que damos e havemos de dar, com toda a lealdade, ao grupo do sr. Manuel Homem de Mello, mas isto sob o ponto de vista exclusivo dos interesses locais e dos principios liberaes, mais bem servidos por esse grupo, em Aveiro, que por qualquer outro.

Tréguas! Silencio! Nada, nada. Iremos falando sempre, com pachorra, é claro, quando tivermos espaço e tempo, que não estamos dispostos a outra coisa. Mas, mais hoje, mais amanhã, contem sempre connosco. E, quando calha. Mas sempre promptinhos para dar conversa ao excellentissimo Mattoso, ao grande morgado do Carmo, ao Rei dos homens, também conhecido por Marechal de Liliput, e até ao illustre Mijareta. Estejam certos!

Mas tratemos hoje do sr. Mattoso, sómente. Acha sua excellencia que nos contradizemos quando affirmamos que o sr. José Luciano tem como unica defeza da sua condescendencia para com o sr. Mattoso, quando os progressistas censuram essa condescendencia, o facto do sr. Mattoso ser seu irmão, e quando escrevemos que o sr. José Luciano applaude os nossos artigos e se ri. Ora nós nunca dissémos que o sr. José

Luciano haja applaudido os nossos artigos, antes temos affirmado cem vezes que tanto nos importa que goste d'elles, como que não goste. Que se ha de rir, dissémos, e é certo. Mas rir é uma coisa e applaudir é outra.

Lá que se ri, ri. Mas se também se não quizer rir, que não se ria.

Mas ri. Rir, ri. Pois se elle não tem outra capa para cobrir o mano senão a capa de irmão!

O sr. José Luciano, diz-nos o sr. Mattoso por intermedio do seu garoto, não pôde ser mais delicado, mais diplomaticamente delicado, quando diz do mano: «Posso fazer tudo, menos que elle deixe de ser meu irmão!»

Ora essa! Muito delicado. Muito delicado. Mas quer saber? Nós ainda o achavamos mais delicado se não dissesse coisa nenhuma. Não encontrar no sr. Mattoso outra circumstancia que o recomende á sua benevolencia senão a de ser seu irmão, é titulo glorioso para o Cabecinha, mas só, sómente para o Cabecinha. Sómente! Sómente!

O sr. Mattoso tem defensores muito infelizes. E, por isso, continuamos a pensar que só tem a ganhar com o nosso silencio.

O que não quer dizer, repetimos, que lhe não façamos a vontade falando, e falando á larga. Mas iremos devagar.

Hoje ficámos por aqui.

### Muito bem

Foi muito bem recebida n'esta cidade, e naturalmente não o deixará de ser em todo o paiz, a noticia da suppressão das licenças aos vendedores ambulantes em mercados fixos ou periodicos.

Essas licenças, além de serem vexatorias, eram altamente deshumanas, pois na sua maior parte iam implicar com uns infelizes párias, que apenas negociam em oisas insignificantes.

Bem andou, pois, o sr. ministro da fazenda em supprimir tão arbitraria medida, e pelo que receberá os applausos do paiz inteiro.

Ora até que enfim o sr. director das obras publicas se dignou mandar empregar a pedra que ha tempo se achava anotoada nas valletas da rua Direita, com grave transtorno para o transitio de carros e para os moradores da mesma rua. Julgavamos que aquelle local se tinha transformado em repositio de pedra britada.

Ora ainda bem.

### Anniversarios

O nosso collega A Luz do Operario, de Villa Nova de Gaya, entrou no 10.º da sua publicação.

Tambem A Obra, jornal que se publica em Lisboa, entrou no 9.º anno de existencia.

Aos collegas enviamos cumprimentos, desejando-lhes longos annos de vida.

## ORDEM PUBLICA

A proposito dos acontecimentos de Coimbra tem sido muito discutida a maneira da força publica intervir nos conflictos das ruas.

O sr. Fuschini perguntou no parlamento se os commandantes das forças fizeram as intimações do estylo. O sr. Hintze respondeu que nem sempre era possivel fazer essas intimações.

Ora o sr. Hintze esteve em erro. Se a força é apanhada de surpresa, evidentemente não tem tempo para fazer intimações. Mas esse caso deve-se pôr fóra dos conflictos das ruas, onde não ha surpresas. Muito raramente as haverá. Não sendo a força apanhada de surpresa, não lhe é permitido fazer fogo sem as intimações devidas. A esse respeito são dignas de menção as circulares publicadas em 5 de setembro de 1846, 2 de abril de 1861, 7 de setembro de 1870, 19 de setembro de 1879 e 2 de novembro de 1896.

A de 7 de setembro de 1870, assignada por Sá da Bandeira, e notavel por muitos titulos, foi publicada em ordem do exercito n.º 48 de 8 de setembro do mesmo anno. D'ella transcrevemos os seguintes periodos:

«No emprego da força deverá haver a maior circumspecção, procurando-se socegar os espiritos por meios suaves e suavios, e só se recorrerá a extremos depois de haverem sido intimados os tumultuarios a que se dispersem, e a intimação seja desattendida.

V. ex.ª dará as providencias precisas para que estas instruções sejam fielmente executadas, fazendo sentir bem aos seus subordinados que incorrerão em grave responsabilidade quando deixem de as cumprir.»

A de 1896, assignada pelo sr. Moraes Sarmento, e que foi a ultima palavra no assumpto, sahiu publicada em ordem do exercito n.º 23 de 2 de novembro de 1896. Ei-la na integra:

«A força armada em tempo de paz tem, entre outros deveres, o de manter a ordem publica, defender e proteger os cidadãos, garantindo a todos o livre exercicio da sua acção. Torna-se, portanto, inadmissivel que qualquer militar, esquecendo não só o respeito devido ao honroso uniforme que veste como á missão que tem a cumprir, proceda para com os seus concidadãos de fórma a provocar conflictos, desprestigiando assim o exercito e tornando-o mal visto dos povos.

E' indispensavel que a força armada, pela correção do seu procedimento e pela sua severa disciplina, continue a manter as nobres tradições do exercito, sendo segura garantia de ordem, não dando motivo para se lhe poder attribuir qualquer provocação ou agravo aos habitantes.

S. ex.ª o ministro da guerra, chamando a attenção de v. ex.ª para estas ponderações, determina que, fazendo-as bem conhecidas de todos os commandantes de corpos, de destacamentos e de diligencias da área da divisão do seu commando, v. ex.ª se torne directa e immediatamente responsaveis por quaesquer factos que importem da parte dos militares que compozerem esses corpos destacamentos ou diligencias, um attentado, por minimo que seja, contra os habitantes

## EM VIZEU

**Manifestações ruidosas — Descargas de fuzilaria — Grande agitação.**

De Vizeu dizem-nos que se tem ali passado factos gravísimos, que a censura telegraphica tentou abafar, mas que pelo correio se põem a claro.

Um grupo de duas mil pessoas, reunidas na noite de 16, no pinhal da viscondessa de S. Caetano, á Via-Sacra, percorreu algumas ruas da cidade dando vivas á Associação Commercial, Academia, povo de Coimbra, moras aos fiscaes dos impostos, etc.

Os manifestantes quando chegaram proximo da casa onde está installada a fiscalisação dos impostos e do sello foram atacados por uma patrulha de cavallaria, de 60 praças, a qual se achava em frente da mesma casa e então os manifestantes seguiram pela rua D. Luiz, rua Nova e praça de Camões, onde estava uma força de infantaria, junto á cadeia, a qual carregou á bayoneta o povo, que a recebeu á pedrada.

Então foram obrigados a dar descargas, com pontarias altas, dividindo-se o povo em dois grupos, um que seguiu pela rua de D. Duarte e outro pela rua do Principe Real, tornando-se a juntar na rua D. Maria Pia e seguindo pela de Serpa Pinto.

A camara municipal, governo civil e casa do sello estiveram guardadas por patrulhas de infantaria e de cavallaria e outras perórrexeram a cidade.

Na manhã do dia 17 continuou o protesto, não se deixando vender nada na Praça 2 de Maio, e a maior parte do commercio fechou.

A exaltação tem sido geral, estando porém a cidade em relativo socego. Teem estado vigiadas a sede da Associação dos Caixeiros e o Centro Instrução e Recreio — José Dyonisio.

Receia-se que as exigencias tributarias do sello provoquem tristissimos acontecimentos, caso o governo não suspenda tão vexatorio tributo, porque o povo não póde nem deve pagar mais.

Um judasinho que por ali pulula, eriçou horrorosamente as escamas por lhe pômos a gaforinha, queremos dizer, a calva á mostra.

Tenha paciencia, meu rico senhor, quem não quer ser lobo não lhe veste a pelle.

E fiquem scientes de que enforcaremos de futuro, em grifo e por tabella, aquellos que reconhecamos como taes.

O capitão-mór, o Escariotes, esse fica para sabbado d'alleluia bambejar no mais alto mastaréo da cidade, enchumassado com bombas do Manhanhas e recebendo então as honras do travesso rapazião.

Olé, se ha de.

Com receio de alteração na ordem publica, esteve alguns dias de prevenção no seu quartel de Sá, o regimento de infantaria 24.

As ruas á noite também foram patrullhadas por soldados do mesmo regimento.

Entretanto, apesar dos animos aqui se acharem bastante exaltados, mercê da suavidade com que são também esfolados os pobres contribuintes, nada houve de anormal e digno de menção.

Antes assim.

## O analphabetismo

NO EXERCITO

A carta das *Novidades* que promettemos publicar, é a seguinte:

Sr. redactor. — Ainda mais uma vez ministrei ensino litterario aos recrutas da minha companhia. D'esta vez foi em Coimbra, no regimento de infantaria 23. E não fui eu só. Ministrou-o também na sua companhia, o sr. capitão Domingos dos Santos Freitas.

Não sei se v. estará disposto a tornar conhecidos os resultados d'esta nova experiencia. Como já disse a v., n'uma das cartas que, o verão passado, se dignou publicar-me, não me melindra, antes me obsequia, pondo cõbro ás minhas impertinencias, quando, porventura, reconheça que me estou tornando impertinente. A mim parece-me, cada vez me parece mais, que a unica maneira de metter seriamente este paiz na corrente da civilisação, de o aguentar na lucta formidavel do progresso, é elevar-lhe o nivel intellectual. Estou com aquelles que sustentam que o principio da lucta pela existencia e o da selecção não se applica menos ás idéas do que aos individuos; que a educação é, toda ella, uma obra de selecção intellectual; que a intelligencia é o maior instrumento da selecção voluntaria, instrumento abreviado, rapido, acclerado, realisando em alguns annos as evoluções que, sem ella demandariam seculos.

Bem sei que não basta instruir; que é preciso educar. Bem sei que a educação, sendo defeituosa, incompleta, contrariada por um meio vicioso, não conclue pela elevação moral, que é o primeiro elemento da força, da cohesão, da superioridade social. Mas nem a educação defeituosa, viciosa ou incompleta prova coisa alguma contra a alta conveniencia de educar, e este termo, só por si, exclue os vicios, amputações ou deficiências da instrução não seja um motor de primeira ordem no mechanismo social, não só pelas vantagens adquiridas e mantidas no momento, como pela transmissão hereditaria de força cerebral. Não se transmitem só os conhecimentos adquiridos. Transmittem-se também, de geração em geração, por hereditariedade, a força intellectual. E quando vejo este povo quasi estacionario, sem gymnastica do espirito, com quatro seculos de estupidez a esmagá-lo, subjacente a uma Europa geralmente progressiva e culta, cujo cerebro se poderá ir enriquecendo dia a dia com melhor substancia, com mais numerosas e mais complexas circumvoluções, eu apavoro-me, e pergunto a mim proprio, receoso do futuro d'esta patria a cujos destinos estão ligados os destinos dos fillos de nós todos, se não será para Portugal, um dia, o caso da raposa, a que Maudsley se refere na sua *Physiologia do Espirito*, que bastando-lhe, sómente, aprender a subir ás arvores como os gatos, ou occultar-se na terra como os coelhos, para que os amadores da especialidade perdessem o gosto de a caçar, persiste, por incapacidade, por impossibilidade de crear nada de novo, em não sair do piso do seu pensamento automatico.

E a raposa, contudo, é astuciosa. Leva-nos essa vantagem, a raposa!

Mas bem. Ninguém tem obrigação de aturar a minha mania. Em Portugal já não ha, apenas, indiferença pela instrução. Ha hostilidade. Verdadeira, manifesta hostilidade, que se apalpa e sente a toda a hora. E ainda ali, e não já, sómente, na falta de astucia, estamos abaixo da raposa, porque estou em crêr que a raposa se deixaria ensinar, e aprenderia, se alguém se quizesse dar á pachorra de a ensinar. Ninguém tem obrigação de aturar a minha mania. E, então, deite v. esta carta para o cesto dos papéis velhos ou inúteis, se vê que vou machar os seus leitores. Isso servir-me ha de indicação para nunca mais, sobre tal assumpto, lhes tornar a escrever. A minha consciencia alliviar-me ha da responsabilidade da impertinencia, dizendo-me que, se fui impertinente,

o fui por amor da causa publica e não por amor dos meus interesses.

Tentei uma nova experiencia de ensino litterario por companhias, tentou a o meu collega Domingos de Freitas, mas com desgosto me vejo obrigado a confessar que, d'esta vez, a não pude levar ao fim. Os recrutas foram licenciadas antes de terminada a sua instrução militar.

E com isso é que eu não contava, nem ninguém. E isso não destroe nada do que tenho affirmado. Até aqui argumentava-se com a falta de soldados promptos. Mas ainda ninguém argumentára com a falta de recrutas. Se já nem é possível que os recrutas completem a instrução profissional, evidentemente não póde haver instrução litteraria, porque não póde haver coisa nenhuma. A primeira coisa que deixa de existir é o proprio exercito.

Provei sempre que o tempo normal da instrução de recruta chegava para que os soldados aprendessem a lêr, escrever e contar. E agora mesmo se acaba de provar no 23. Os recrutas foram dados promptos, e licenciados no dia immediato, mez e meio antes, quasi, do prazo marcado no programma de instrução, formulado e executado por ordem da brigada. Não obstante essa antecipação, todos os analphabetos ficaram sabendo lêr alguns correntemente, todos ficaram sabendo lêr um numero inteiro, e, os mais adiantados, sommar e diminuir.

Seis completaram os cadernos de escripta do methodo João de Deus e já escreviam dictado de forma legivel. Os restantes iam no setimo, oitavo e nono caderno.

Os não analphabetos melhoraram notavelmente a sua instrução, a ponto de ficarem doze habilitados ao exame de 1.º cabo. Já nove fizeram esse exame, ficando todos approvados e dois com distincção. Faltam tres, bem como os da companhia do sr. capitão Freitas, não menos habilitados que os meus, que farão exame qualquer dia. Ora basta isto para accentuar a enorme vantagem do ensino litterario por companhias. No exercito não ha cabos. Ha tão poucos, que se tornou necessario dispensar os tres mezes de serviço, exigidos para a promoção. E, mesmo assim, não apparecem soldados habilitados, em numero preciso. No 23 havia quatro ou cinco cabos antes da promoção que se fez hontem. Pois só a minha companhia habilitou doze soldados, dos quaes, como disse, já nove fizeram exame e foram promovidos.

Repito: isto accentua bem a vantagem do ensino litterario por companhias. Para os recrutas serem dados promptos, e poderem ser licenciados, reduziu-se notavelmente o prazo marcado para a instrução de tactiva de combate, que é muito importante, e para o ensino do serviço de campanha, importantissimo também. Na quinta parte houve só uma escola de companhia, e addiu-se o tiro. Os recrutas foram licenciados sem tiro. A tanto foi preciso recorrer pela necessidade imperiosa de reduzir o numero de praças com vencimento. Mas sem esse caso de força maior, todos os analphabetos ficariam lendo correntemente, escrevendo regularmente e conhecendo as quatro operações arithmeticas. E cinco ou seis ficaram ainda na companhia para o comprovarem.

Se v. se dignar publicar esta carta, n'outras immediatas completarei as informações relativas ao ensino ministrado na minha companhia e na companhia do sr. capitão Freitas.

E assigno-me sempre com a maior consideração

De v. etc.

Francisco Manuel Homem Christo.

## Musica no jardim

O programma que a banda do 24 executa hoje, da 1 ás 3 da tarde, no Jardim Publico, é o seguinte:

## 1.ª PARTE

Ordinario.  
Devaneios Campestres (Pout-pourri).  
Morêna, walsa.  
Phantasia da opera Tosca.

## 2.ª PARTE

Sur les eaux du Tage (Pot-pourri).  
Moraima (capriccio).  
Regresso (Ordinario).

## SILVA DE CANTIGAS

O peixe vive nas aguas,  
Vive a flôr entre os abrolhos,  
Só eu não vivo um instante  
Longe da luz dos seus olhos.

Saudades que me vão n'alma  
Ninguém as póde contar!  
São tantas como as estrelas,  
Como as areias do mar.

Meu amor, se andas perdido  
Sem saber quem te perdeu,  
No meus olhos tens a escada  
Por onde se sóbe ao céu.

Se eu soubesse que te rias  
Quando eu suspiro e dou ais,  
Tirava os olhos da cara  
Para nunca te vêr mais.

Quando eu morrer vac á covã  
Sobre o meu corpo chorar.  
Que ao sentir que por mim chamas  
Hei de aos teus braços voltar.

Não te faças tão esquiva,  
Não digas que me não queres,  
Que eu por mal dos meus peccados  
Bem sei o que são mulheres.

Mandei lêr a minha sina,  
E a sina me respondeu  
Que um triste fugir não póde  
A' sorte que Deus lhe deu.

Teus olhos são mais escuros  
Do que a noite mais fechada.  
E apesar de tanto escuros  
Sem elles não vejo nada!

J. SIMÕES DIAS.

## Recreio Artístico

Para solemnizar o 7.º anniversario da installação da *Sociedade Recreio Artístico*, esteve em festa durante o dia e noite de quinta feira, o salão nobre do Theatro Aveirense, onde se acha installada a sede da mesma Sociedade.

A casa achava-se artisticamente ornamentada com arbustos, plantas, tropheus e outros objectos de valor decorativo.

A escada semelhava um formoso tunel verdejante, de muito bom effeito.

O atrio do theatro também se salientava pelo bom gosto da decoração. Durante a tarde tocou ali a excellente banda de infantaria 24, sob a regencia do seu sympathico mestre o sr. Joaquim Alves Ferreira, que executou magistralmente um dos seus melhores programmas, pelo que recebeu sinceros applausos do numeroso auditorio que enchia as salas.

A' noite houve baile offerecido aos socios e suas familias, recitando n'essa occasião o sr. João Telles uma engraçada cançoneta, pelo que foi muito applaudido.

O baile esteve muito animado e concorrido, dançando-se até quasi pela madrugada.

Felicitemos por isso os seus promotores, fazendo votos porque se repitam por largos annos os seus anniversarios e divertimentos eguaes.

— Lisongear a virtude sem ser capaz de amar, é apertar as graciosas mãos d'uma donzella nas mãos encarquilhadas da velhice.

## Feira da madeira

Realisou-se na quinta-feira passada o importante mercado annual de S. José, no local da Feira de Março, ao Rocio, e no Al-boy.

Este anno, o numero dos concorrentes com madeira á feira foi em menor numero que nos annos anteriores, fazendo-se por isso menos transacções. Contribue bastante para isso a grande exportação de madeiras para o estrangeiro.

Mede as tuas forças segundo o teu fim, e não o teu fim segundo as tuas forças.

LADISLAU MIKIEWICZ.

das localidades onde estacionarem, devendo empregar todos os meios para prevenir e impedir similhantes actos.

Se, porém, succeder que, apesar da boa ordem, comportamento e disciplina dos militares, haja da parte dos habitantes provocações ou aggressões injustificaveis, deverão os alludidos commandantes reprimi-las immediatamente, procedendo desde logo com energia e decisão, e não hesitando em recorrer ao emprego da força, precedendo sempre esse emprego das intimações prescriptas nas ordens em vigor. Nesses casos, os referidos commandantes procederão segundo um criterio sereno e imparcial, mas firme e resolutivo, e sob sua inteira e completa responsabilidade, que v. ex.ª lhe exigirá tanto por excessos desnecessarios como por haverem ficado sem o necessario correctivo quaesquer factos attentatorios de prestigio da força armada.

S. ex.ª o ministro da guerra tem por muito recommendados os preceitos que ficam expostos, pelo que espera que v. ex.ª assegure austera e rigorosamente a sua execução em quaesquer casos extraordinarios que venham a succeder.»

A regra 6.ª do n.º 7 da ordem do exercito n.º 18 de 1879 diz também:

«Quando o commandante da força não conseguir pelos meios suaves e suavosios fazer respeitar as determinações da auctoridade, intimará em voz alta, e por tres vezes, os desobedientes ou desordeiros a que se dispersem fazendo preceder cada intimação de um toque de corneta ou tambor, havendo-o, e se a intimação fór desattendida deverá então recorrer a meios extremos para restabelecer a ordem e manter o principio da auctoridade.»

Precedendo sempre, diz a circular que ahí fica, esse emprego (o da força) das intimações prescriptas nas ordens em vigor.

Não ha, pois, duvida nenhuma, que a voz de fogo, e a simples carga de bayoneta, não podem ser dadas sem prévia advertencia.

A calumnia é como o carvão; quando não queima suja.

C. CASTELLO BRANCO.

Ahi está uma excellente cara-pauca tachada para o *Chica*.

## THEATRO AVEIRENSE

Esplendidas as tres récitas que ali nos proporcionaram e onde o immortal José Ricardo mais uma vez mostrou a sua immensa graça e fina pihéria.

Principalmente no *Homem das Mangas*, foi d'uma graça e correção inexcusaveis. As restantes figuras também se mostraram á altura dos seus credits, motivo porque foram bisados alguns côros, que o numero auditorio applaudiu phreneticamente. Por ultimo foram chamados ao palco todos os artistas que compõem a sympathica companhia e calorosamente applaudidos. Teve também uma chamada especial, de resto bem merecida, o maestro da orchestra.

Representou-se hontem o *Beijo da Baroneza*, bella producção do capitão de infantaria 24, sr. D. Miguel de Alarcão.

Agradecemos, penhorados, o convite que nos foi feito para o ensaio geral da operetta que, diga-se em abono da verdade, decorreu excellentemente.

Regressou de Coimbra, a esta cidade, parte do destacamento de infantaria 24, e que para ali tinha seguido em virtude dos sangrentos acontecimentos d'aquella cidade.

— A calumnia grita; a maledicencia falla baixinho. O alcance da primeira é mais longo; o da segunda mais seguro.

**Exposição portugueza na Feira de Março**

E' realmente importante a exposição de vistas instantaneas em crystal, que o sr. J. J. Gonçalves apresenta na Feira de Março, devido á iniciativa de um artista portuguez, e que tem feito successo nas principaes terras de Portugal. E' o trabalho mais perfeito, no genero, que tem vindo a Aveiro.

Já o anno passado assistimos a este maravilhoso passatempo, e sabiamos d'ali sempre bem impressionados pela correcção com é executado.

Vá, pois, ali o publico e verá todos os monumentos notaveis, usos, costumes, etc., das mais descontraidas regiões do globo. De dois em dois dias a exposição é variada com novos clichés.

Para esta exposição chamamos a attenção dos nossos leitores, certos de que lhe prestamos um bom serviço, pois que terão ali a precisa decencia e commodidades.

O sr. Gonçalves apresenta este anno novas e encantadoras reproduções á apreciação do publico.

Ha selvagens antropophagos, Ditos tambem canibae; Mas papa-christos,—theophagos Sô na igreja os encontraes.

Na igreja e especialmente em Aveiro. Temos por vezes visto noticias em jornaes, em que ficamos seriamente azabumbados com as gentilezas dos taes papa-christos theophagos.

Pois agora, melhor orientados com o procedimento de certos marmos d'aqui, retorquimos logo ao ler taes noticias: meças, meças; queremos meças.

E olhem que ganhavamos, se até apostassemos.

**Dewett espiado**

O general Dewett, de ha uns tempos para cá, é objecto de uma attenção particular por parte da policia.

Não pôde dar um passo sem que seja seguido por agentes policiaes disfarçados.

Por es facto, Dewett exasperado decidiu abandonar a sua herdade de Roodepost e estabelecer-se na proximidade da fronteira allemã.

Parece que as auctoridades britannicas não estão muito tranquillizadas acerca do estado dos espiritos no paiz conquistado.

Entre os boers, a miseria é grande; os lavradores estão quasi todos arruinados; a colheita d'es-

—Que ha-de fazer-se ao pequeno?—perguntava Francisco Luiz á mulher.

—Se o podessemos levar sem difficuldade...

—Não podemos, por que en já desconfio que nos será negado o passaporte. Temos de fugir; e escapar com uma creança desembarcadamente ninguem o faz. Bem sabes que nossos avós matavam os filhos que lhes retardavam e denunciavam a fuga.

—Deixa-se em casa dos nossos parentes—tornava ella.

—Isso é sacrificar os nossos parentes; porque o rapaz é considerado meu filho—observou o doutor.

—Tenho uma boa idéa—ajuntou elle—entreguemol-o a Francisco de Moraes, de Villa Flor, que sabe a historia d'esta creança, e lhe ha de servir de pae com os sobejos da sua riqueza. Não ha tempo a perder. Vou escrever-lhe para Lisboa, e pedir-lhe que me espere por estes quinze dias.

Francisco de Moraes Taveira acceitou gratamente o encargo, tanto por lhe ser offerecido pelo doutor Abreu, como por ser o orphão-sinho filho do desventurado israelita, que perdera provavelmente a vida, quando cuidava ganhala com honra.

Desde que a resposta chegou,

te anno é má e receia-se que o descontentamento geral se manifeste por quaesquer actos de desespero.

«Ha homens de sentimentos tão baixos que não duvidam amancebar-se com meretrizes, quando teem mulheres tão bonitas que com ellas nós nos contentariamos.»

Mais palavra menos palavra, era o que dizia um dia d'estes certo marmarro das cercanias do Porto, aos seus freguezes, e do pulpito para baixo.

Consta-nos que o nosso rico e amado frei Chica da Purificação do Carmo se sentiu altamente agoniado ao ter conhecimento de tal coisa. E não era para menos.

Uma pessoa que deseja alcançar um recatinho no ceo... dos pardaes, deve com certeza estamagar-se muito com as escoregadellas dos collegas.

**Publicações a pedido**

Estavamos longe de voltar a tratar de questões janeirescas, se o tortissimo homem dos mosaicos mais uma vez não nos viesse provocar no nosso silencio, mas d'esta vez fel-o, d'uma maneira tão atrevida e tão injusta que dá vontade de lhe responder com a celebre phrase de Cambrone, senão com outra mais violenta, mas mais em harmonia com as suas sandices e refalsadas accusações.

Quem diria ao mestre Espiga, ao esfolo burrelhos que nós, abusando do seu nome, enviámos uma correspondencia para o Janeiro, noticiando factos que se não passaram?

Quem?

Seria aquella illustrada redacção?

A' hora em que escrevemos esta, escrevemos para a redacção d'aquelle importante periodico fazendo sentir a falsa accusação que nos foi imputada.

Não escrevemos tal noticia, não a auctorisámos, nem sequer d'ella tivemos conhecimento na occasião.

—Tomamos sempre a responsabilidade d'aquillo que escrevemos e d'aquillo que dizemos. Não precisamos de lançar aos hombros d'ontrem a capa da responsabilidade que nos toca—maudámos-lhe dizer.

E assim é.

Se algumas vezes para ali enviámos correspondencias particulares (no que estamos no nosso plenissimo direito) e não as fa-

Francisca, olhando a face carinhosa da creança, chorava sempre. Quanto mais o estreitava ao peito. mais o menino lhe sorria como se com afagos quizesse mitigar as angustias desconhecidas, que via no rosto lagrimoso de sua mãe. Já ella pedia ao marido que não deixasse o menino; vacillava já tambem o doutor; e, muito instado da esposa e do coração, que a si mesmo se representava, deliberou resolver-se em Lisboa, segundo se lhe figurasse facil ou difficil a passagem para outro reino.

Nas férias d'aquelle anno, o lente simulou uma jornada a Ourem, sua patria, e foi em direitura a Lisboa. O santo officio de Coimbra reparou na sahida, e lançon pesquizas. Informaram-no de alguns processos de liquidação de patrimonios e venda de bens, que o doutor Abreu rapidamente negociára na terra de sua mulher. D'isto foi avisado o inquisidor geral, demodo que já em Lisboa o promotor instaurava processo, quando o lente alli chegou.

Avisado pelo medico mais confivel dos segredos da inquisição, Francisco Luiz deu-se pressa em sahir de Lisboa com destino a Inglaterra. Negaram-lhe passaporte. Aterrado d'esta contrariedade, significava de maiores violencias

ziamos preceder com a nota de particular, foi;

1.º porque julgavamos que essa nota era exclusiva da redacção; 2.º porque alguma vez nos esqueceu de o fazer.

Não porque quizessemos que o revoltado Espiga assumisse a responsabilidade que nos pertencia.

E' o mesmo que pôde succeder a Paulo, Sancho ou Martinho que para ali mandou essa noticia, ou outro que se lembre de para as lá mandar.

Fique entendido d'isso por uma vez.

E continue com as suas correspondencias, que não seremos nós que o estorvaremos, pois n'isso não temos prazer nem interesse de qualidade algum.

Mas não se torne a lembrar de nos vir accusar de cousas em que não participamos, porque então a resposta pôde-se-lhe tornar mais azeda.

Mais uma vez fique entendido d'isso.

... Sr. REDACTOR.—Rogo-lhe a fineza de dar publicidade no seu muito lido jornal uma expli-

cação a uma local que o Progresso de Aveiro publicou no seu n.º de quinta-feira ultima com referencia a negocios da Associação Aveitense de Socorros Mutuos.

A admisión de mais dois medicos não vem em nada affectar os interesses da Associação, pois que os ordenados para os novos medicos sahirá da verba actualmente auctorisada e nada mais. Esta é que é a verdade.

Ficam, portanto, os associados com quatro medicos á sua escolha, sem accrescimo de mais despeza.

E' isto que se deseja fazer, se algum tropeço não impedir que vá por deante o que é bom.

Com referencia a aquisição da nova casa, tambem estamos auctorisados a afirmar que em nada vae prejudicar as finanças da Associação, como opportunamente o demonstraremos.

No estado precario a que chegou esta Associação seria um absurdo da nossa parte pensar-se em augmento de despezas.

O mal já vem de muito longe e pena é que muitos socios se não compenetrein d'um certo interesse por uma coisa tão util e vantajosa para as classes trabalhadoras.

Pela inserção d'estas linhas agradece o

De v. etc. Aveiro, 21—3—903.

Um membro da Direcção.

mudou de residencia para casa segura, que lhe dispöz o hebreu de Villa Flôr

A vigilancia dos esbirros estava attenta sobre os navios holandezes principalmente, e pouco menos sobre quaesquer outros de commercio com portos estrangeiros. Francisco de Moraes, avassalando com ouro a piedade do piloto de uma nau portugueza destinada á India, introduziu no navio o doutor e sua mulher, considerados mercadores e proximos parentes do piloto. As arcas de suas preciosidades entraram com os passageiros; exceptuado o pequeno Braz, que dormia á hora em que elles partiram, e nem acordou ao cahir-lhe nas faces as lagrimas dos seus benefactores.

Ao amanhecer-lhe o dia seguinte, Braz perguntou pela mãe. Ai se ella o fosse, não perguntaria o desamparadinho por sua mãe.

Responden-lhe um moço de vinte annos, que os seus amigos tinham ido fóra de Lisboa, e voltariam passados alguns dias. A creança chorou em silencio, como quem conhecia que o prantear-se seria desagradecer as caricias que lhe fazia o filho de Francisco de Moraes.

Era elle o mancoço que o hebreu de Villa Flôr fóra buscar a Amstardam.

**Cambios**

O cambio do Brazil sobre Londres está a 11 15,16. Libra no Brazil: 20\$140 réis; em Portugal, 5\$595 réis.

Essa especie de coragem, que muitas vezes leva os homens á morte voluntaria, é trivial, porque é apenas a coragem de um instante, e é provocada muitas vezes pelos applausos ruidosos e vãos das multidões. Ha uma outra coragem mais rara, se bem que mais necessaria: é a que nos permite supportar cada dia sem testemunhas e sem incitamentos de outrem as vicissitudes da vida: é a paciencia.

B. DE SAINT PIERRE.

A fera de mais perigosa mordedura é, d'entre as bravas, o calumniador; d'entre as mansas, o lisongeiro. DIOGENES.

— O que Diogenes não sabia é que ha feras que participam das duas coisas.

**Notas alegres**

Um grammatico visita uma escriptora do seu conhecimento, que muitas vezes se divertia á custa d'elle.

— Como está, mestre? — Adoentado, adoentado. — Sim? tambem eu hoje a tenho estado.

— Como, a tenho estado! o tenho estado é que deve dizer; isso assim é erro.

— Se eu dissesse o tenho estado, volte-lhe a escriptora, levava logo as mãos á cara a vêr se achava barbas.

Dizia um corcunda em tempo de revolução:

— Ninguem está mais prompto do que eu e o F... para uma retirada. Elle anda sempre de esporas nas botas e eu de mala ás costas.

Cicero, cujo maior titulo de gloria são os seus arrasoados forenses, Cicero, que escreveu sobre as leis, e conhecia por experiencia e a fundo os tribunales e as tormentas que por lá correm, a verdade e a razão, dizia:

— Se tendes a razão por vós, compo-vos e conciliae-vos; se a não tendes, pleitiae.

**CASA**

Vende-se uma de dois andares com um pequeno quintal na rua da Sé, dando sahida para a rua de Santo Antonio. N'esta typographia se diz.

creança de seis annos com brinquedos proprios da meninice. Parecia que um ao outro se estavam divertindo. Heitor quiz instituir-se mestre do a b c do pequeno; mas as graças infantis do discipulo encantavam-no por maneira, que era coisa de muito rir vê-los aubos despegarem do alfabeto para se andarem correndo pela casa no jogo dos esconderêlos.

Dentro em pouco, as lembranças dos fugitivos hebreus eram apenas brevisima tristeza de saudade na memoria de Braz.

Heitor, deseioso de vêr a terra do seu nascimento, foi para Villa Flor, e levou consigo o menino. Francisco de Moraes, por medo de que, n'alguma hora, a inquisição lhe quizesse galardoar a astucia no escape do sobrinho de Pedro Lopes, accendendo em honra d'elle as santas rezinas da fé, tratou de sumir-se na sua provincia, dando-se por cançado de amontoar riquezas.

Assim se requiram em felicidade ainda não experimentada, os paes de Heitor, contando como elemento de sua boa sorte a posse do orphão, que, de muito amado, que era, não sentia falta dos seus primeiros amparadores.

**FOLHETIM**  
CAMILLO CASTELLO BRANCO  
**O OLHO DE VIDRO**  
(Romance historico)

II  
**Não era mãe!...**  
Apezar das camaldulas e dos protectores, a inquisição cada vez mais desconfiava da sinceridade do doutor; e o doutor, não menos vigilante que ella, cada hora, habilmente negociava a transferencia dos seus haveres ao estrangeiro. O pequeno Braz era-lhe empêdo. Não sabia ella se devia levar consigo a creança. O perigo e o medo, conceituando-o no cogitar salvar-se, tornava-o mais egoista em cuidados de si, e menos pensativo do futuro do pequeno. Franca de Oliveira, por sua parte, queria muito á creança; mas não a bem o querer e amar maternal; estava-lhe aquelle sentir-se viver, tremecer e morrer nas arterias do coração. Então lhe seria a ella bom deprehender que sómente é mãe aquella que sentiu as dôres da maternidade.

**Cura do rheumatismo**

O linimento anti-rheumatico de Miranda, é o melhor remedio até hoje conhecido para a cura d'esta doença. Numerosos attestados de doentes provando os seus bons resultados. Faz desaparecer em curto espaço de tempo as dores no padecente.

Envia-se pelo correio para todas as terras.

Preço do frasco 500 réis. Pelo correio 550 réis.

Deposito pharmacia Miranda

RIO TINTO

**VENDA DE CASA**

Vende-se um predio de casas altas na rua de Jesus e em frente á igreja do Convento.

Tem um pequeno pateo e sahida para a rua do Rato.

Trata-se na rua Direita, n.º 43 a 45.

**LANDEAU**

VENDE-SE um quasi novo. N'esta typographia se diz.

**Vinho puro de Bucellas**

Este vinho, muito apreciado pelas suas propriedades hygienicas, só se vende no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

N. B.—Só se garante o proprio vinho o vendido no mesmo estabelecimento.

**BAGAÇOS ALIMENTARES**

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

**ARMAZENS**

DA

**BEIRA-MAR**

DE

**MANUEL GONÇALVES MOREIRA**

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

**AVEIRO**

D'aquí levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

**CONFECÇÕES:**

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes Clement e machinas de costura Memoria, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharas, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificias e cordas funerarias. Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

**MINERVA**

N'esta typographia compra-se uma de pequeno formato, em segunda mão. Escrever carta mencionando preço.

**HISTORIA**

**REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820**

Illustrada com magnificos retratos dos grandes patriotas d'aquelle época

ASSIGNATURA EXTRAORDINARIA

Os editores d'esta importante e patriótica edição nacional resolveram abrir uma assignatura extraordinaria, nos fasciculos semanais de 32 paginas, afim de facilitar a entrada d'este grande livro em todas as familias portuguezas. A HISTORIA DA REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820 tem de ser para todos os portuguezes uma verdadeira reliquia de família, tem de ser guardada na biblioteca de cada lar como testemunho authentico do patriotismo e dos feitos heroicos dos nossos avós, que como edes lutaram pela santa causa da liberdade.

Condições da assignatura extraordinaria

Cada fasciculo de 32 paginas ..... 00 réis  
Cada vol. brochado.. 1.500  
Obra completa (4 vol) 6.000

A assignatura por fasciculos pôde ser mensal, quinzenal, ou semanal á vontade do assignante.

Assigna-se em todas as livrarias do reino, na casa dos Editores Lopes & C.ª, rua do Almada, 123, PORTO.

EM AVEIRO—Livraria Nello Gulmarães.

**HORAS ROMANTICAS**

Collecção de romances notaveis, esplendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições, ao alcance de todas as bolsas.

QUO VADIS? (2.ª edição) de H. Sienkiewicz.—3 volumes.

VIDA DE LAZARILLO DE TORMES, de Mendoza.—1 vol.

EULALIA PONTOIS, de F. Soulié.—1 vol.

A AMOREIRA FATAL, de E. Berthet.—1 vol.

SENHOR EU, de Farina.—1 vol.

Cada volume, 100 rs.

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

**ALVARO DE MORAES FERREIRA MEDICO**

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde. Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Rocio, 42 a 44

**CONSULTORIO DENTARIO**  
DE  
**THEOPHILO REIS**  
Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra  
Extrahe, obtura, colloca dentes e encarrega se do concerto de dentaduras  
R. DIREITA, 58, 1.º  
Aveiro

**Cathecismo Moderno**

(ILLUSTRADO)

Obra de propaganda nacionalista. Dedicada ás pessoas de bom senso.

Preço 50 réis

A venda na Livraria Elysió —Rua Formosa, 282

PORTO

**COSINHA PORTUGUEZA**

ARTE CULINARIA NACIONAL COLLABORAÇÃO DE SENHORAS

(Productos reservados a um fim patriótico e piedoso)

2.ª edição, muito melhorada

Contém:—Preliminares sobre Modo de bem viver; A nossa habitação; A agua; A nossa alimentação; O nosso vestuário; Preceitos diversos.

795 receitas, com as seguintes secções: Sopas e purés, 41; Legumes e hortaliças, 25; Carnes diversas, 100; Croquetes e almôndegas, 10; Molhos diversos, 23; Massas e entremeses, 19; Pastéis, tortas e empadas, 24; Ovos e omeletas, 24; Saladas diversas, 8; Doces de sobremesa, 203; Compostas e conservas, 34; Doces de chá, 155. —Total 795.

A venda unicamente na Imprensa Academica, de Coimbra para onde devem ser feitas as requisições, acompanhadas da sua importancia, que é:—Em brochura, 600 rs. Pelo correio, 650. Em formosa cartanagem, 700. Idem 760 réis.

**O DILUVIO**

Grandioso romance historico de Henryk Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS, traduzido directamente do polaco por Selda Potocka e Eduardo de Noronha. Desenvolve-se n'esta obra, ao lado de paginas vibrantes e commovedoras, as homéricas luctas da Polonia contra a invasão dos outros povos do norte. Muitos criticos consideram O DILUVIO superior ao QUO VADIS.

A venda o 1.º volume em formato grande e com uma bellissima capa á cores

Preço, 300 réis

Pedidos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

**COMPANHIA NACIONAL EDITORA**

Successora da antiga casa David Corazz

**Viagens Maravilhosas**

Coroadas pela academia franceza

**A CARTEIRA**

**DO REPORTER**

POR

**JULIO VERNE**

**SIGAMOL-O!**

Sensacional romance de H. Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS? seguido de mais dois soberbos contos do grande escriptor polaco.

Trad. de EDUARDO NORONHA

Um luxuoso volume, com uma lindissima capa á cores e ornado com magnificas illustrações.

Preço 500 réis

A venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

**DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA**

DA ACREDITADA FABRICA

**'PFAFF,'**

Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

São estas as melhores machinas de costura

- A machina «PFAFF» para costureiras.
- A machina «PFAFF» para alfaiates.
- A machina «PFAFF» para modistas.
- A machina «PFAFF» para sapateiros.
- A machina «PFAFF» para seleiros.
- A machina «PFAFF» para corrieiros.

A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambrata ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada.

A prestações e a diuheiro com grandes descontos. Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.

Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.

Conserta-se machinas de todos os systemas.

Pedidos a

Soe Maria Simões & Filho

**ANADIA—SANGALHOS**

**O FOGO**

Notabilissimo romance de Gabriel do Annunzio, o mais brilhante dos escriptores italianos da actualidade, traduzido para portuguez por Amadeu Silva d'Albuquerque. É esta a obra mais sensacional do grande escriptor, pela belleza commovedora e assombrosa do seu entreeho e pela sua forma artistica e impecavel.

DOIS ELEGANTES VOLUMES, COM ESPLENDIDAS CAPAS A CORES

Cada vol., 100

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

**ROLÃO PALMA**

ESTA fariinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe AVEIRO

**SEM DOGMA**

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

**QUO VADIS?**

tradução de EDUARDO DE NORONHA

300 rs. cada volume 300

A venda o 1.º volume, com uma capa á cores, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

**A NOVA PHASE**

DO SOCIALISMO POR

JOÃO DE MENEZES

A venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160—LISBOA.

Preço 200

**MAIS UM TRIUMPHO!**

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

É mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79